

## A AGONIA DE UMA CIDADE

B. P. BITTENCOURT

Lembro-me dos meus seis anos, com terninho novo e sapatos doendo nos pés, apresentei-me, com mais cinco da mesma idade, para minha primeira comunhão, no belo templo de São Francisco, no alto da colina dominando a cidade, diante de um jovem sacerdote muito querido de todos, o Padre Plínio, cujo sobrenome ficou nas brumas do tempo.

Naquele mesmo ano, na festa de São Francisco, patrono da Igreja e da cidade, penetrei no meio do grupo, acompanhado da banda e levantando ofertas para a festa do ano: de camisola, sujo de barro até à cabeça, para vergonha de meus pais, os festeiros.

Pinheiros, então município da Comarca de Queluz, era uma pequena mas bem conservada cidade, com velhos casarões do início do século XIX, todos habitados. Havia meia dúzia de armazéns e bares, o edifício da Prefeitura Municipal, edifício do Grupo Escolar, residência de seu Diretor, ruas descalças, mas bem conservadas. Era cercada de fazendas de todos os lados. Tinha seu micro-clima, dada sua localização nos contrafortes da Mantiqueira, aproximando-se de sua parte mais alta.

Pinheiros era uma comunidade de irmãos. Havia festas, reuniões sociais, convescotes, jogos em que todos participavam. Todo mundo conhecida todo mundo. Eu, com meus seis anos, lembro-me do Padre Plínio, do Prof. João Silveira, meu professor do 1º ano primário, do Prof. José Vaz, Diretor do Grupo, dos diversos fazendeiros amigos de meu pai que chegou a prefeito da pequenina comunidade. Ligada à cidadezinha estava o bairro cheio de festas, a Capela do Jacú, de onde provinha nossa água pura da serra.

A política estava nas mãos dos Novaes, principalmente Antão Novaes, apelidado de Tão Novaes e sr. Neco. Depois de nossa mudança

de Pinheiros em 1927, o município foi rebaixado a distrito e a Prefeitura, como dizem lá, levada para Lavrinhas. Hoje pertence à Comarca de Cruzeiro e a seu município, distrito que é.

Então iniciou-se a decadência da pequena cidade, hoje uma vila com menos da metade da população do município. Conheci sr. Tão Novaes, com 102 anos de idade e com ele falei várias vezes em minhas visitas. Faleceu com 104 anos e foi sepultado em Cruzeiro, com muitas honras.

Ferrúcio Fabri escreveu um bom trabalho sobre a decadência de Pinheiros. E seu livro *A VOLTA* (Prêmio José Lins do Rego - Rio, Editora Lidador). Meio história-meio romance, ele conta muito do que acontecia no seu tempo [o livro é de 1971] quanto à decadência da cidade, hoje vila também decadente. Os sobradões quase todos ruíram por falta de conservação e interesse dos proprietários. A última vez que estive lá, o último grande sobradão estava ruindo.

Lembro-me da Fazenda Rio Comprido, de meu avô, onde gostava de passar o tempo, especialmente no pomar. As matas, do que restava da Mata Atlântica, estava, naquela fazenda, sendo cortada e vendida para a produção de carvão e lenha. Eu mesmo vi muito desta destruição sendo feita. Nenhuma, absolutamente nenhuma noção de preservação ecológica. O rio Comprido atravessava a fazenda e dava sua boa contribuição para a criação do gado leiteiro.

No meu tempo de criança em Pinheiros, havia uns tipos na cidade que vale mencionar: o Tenente Ferreira, vivia num casarão de mais de cem anos na entrada da cidade, onde atendia à população pobre com receitas de homeopatia que ele mesmo preparava. Havia filas em sua porta. Era tudo de graça, pois vivia do soldo de militar reformado; o Antero, era nosso acendedor de lampião, até que a energia elétrica, produzida na fazenda do sr. Gazola, iluminasse a cidade. E, como moleque, gostava de acompanhar o acendedor de lampeões e hoje me lembro da bela poesia de Robert Luiz Stevenson, **O Acendedor de Lampião**, que é mimo da literatura inglesa. O sr. Bernardo, era o dono da venda do outro lado da rua onde meu pai tinha a dele. Ele tinha filhos e filhas com quem fazíamos as "artes" por todo canto da vila. O sr. Lula Varejão era um dos maiores fazendeiros da terra e bem conhecido até de nós, crianças.

Todo mundo na cidade conhecia o João Congo, feiticheiro da quimbanda, curador conhecido e de quem os pobres se serviam com fartura.

Algumas das peças antigas de lembranças gostosas, ainda estão lá, como a Igreja de São Francisco, com duas torres, depois reduzidas a uma só. O cemitério, na parte mais alta da cidade, sempre repintado de branco. A rua do Aterro, onde duas coisas aconteciam no meu tempo: ali estava o matadouro municipal e ali se localizava a prostituição na época.

Aos cinco anos (1925) vi na cidade o primeiro automóvel, o Chevrolet do fazendeiro Gazola e, na fazenda do meu avô, o primeiro gramofone da cidade. Também lá chegou no meu tempo uma máquina de fazer sorvete e estes elementos foram as grandes novidades da primeira parte da década de vinte.

Apesar de Cruzeiro haver construído no centro da vila uma pequena praça de esportes, para animar os espíritos que ficaram, Pinheiros é uma sombra do que foi em meu tempo de criança. Ainda se sonha com a volta da prefeitura, tema do livro de Fabri.

O templo católico da cidade, ainda em pé, era o lugar onde a sociedade local se revelava, especialmente na missa das dez de domingo pela manhã. Era o local onde a comunidade se encontrava. E o jovem sacerdote por ela responsável, fazia com carinho sua parte no conagração do povo.

Há hoje ligação asfáltica entre Lavrinha, Pinheiros e Queluz, o que facilitou um pouco a vida dos que ficaram.

Fabri tem um trecho bem característico da situação atual, no encontro com um visitante: "Porventura este lugar está afastado dos caminhos do mundo? Morto sim. Mas enterrado ainda não. Pois quero assistir aos funerais da cidade de Pinheiros" [pag. 20]

Nestes últimos vinte anos a cidade reagiu um pouco e num de suas colinas nasceu nova vila de construções tipo BNH, com iluminação elétrica e algumas ruas.

Gosto de visitar a vila-cemitério. Parece que ainda vejo nas ruas barrentas, as marcas de meus pés de moleque travesso, ali nascido em 1920. Ainda tenho saudades de lá...